

Apresentação

As questões relacionadas aos problemas ambientais ganharam relevância em esfera planetária após a realização da RIO-92, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as principais questões abordadas, a de maior destaque foi relacionada ao clima. Tanto que a partir deste momento as conferências das partes, fórum de discussões, foi implementado a fim de estabelecer normatizações para um novo modelo de economia com ênfase na sustentabilidade.

O resultado mais visível desse cenário foi o Protocolo de Kyoto (1997), um Tratado Internacional com compromissos rígidos de redução da emissão de gases que agravam o Efeito Estufa. Tal iniciativa despertou preocupação e sensibilização da população mundial a respeito do tema.

Em meio a esse contexto, no ano de 1992, na UNESP-Rio Claro, organizou o primeiro Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG)¹, que possibilitou a ampliação das discussões e das temáticas abordadas na Climatologia desenvolvida por Geógrafos no Brasil, bem como a formação de novos profissionais especializados.

Em 2010, no X SBCG, na cidade de Fortaleza, começamos a construir a ideia de fortalecer as relações entre os profissionais de Climatologia Geográfica atuantes nas IFES e demais instituições de pesquisa do Brasil, uma vez, que grande parte das Universidades brasileiras está passando por um processo de reformulação de seus quadros, em função da aposentadoria de muitos dos nossos mestres. Para isso, foi criado um grupo de estudos em Dinâmica das Paisagens, com a participação de pesquisadores e professores da UFES, UERJ-FFP, UFMG, INPA e UFV, que culminou na organização de um seminário intitulado “Geografia e Climatologia: a gestão da cidade”, realizado em maio de 2011, nas dependências UFV.

Ainda no ano de 2011, a realização do XIV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, em Dourados-MS, possibilitou o fortalecimento da proposta de se estreitar as relações entre profissionais de Climatologia Geográfica, com a incorporação de novos colaboradores, como os professores/pesquisadores Charlei Aparecido da Silva (UFGD), Diego Maia (UFBA) e Érika Collischonn (UFPEL). Por conseguinte, algumas decisões foram tomadas. Dentre elas a divulgação dos novos profissionais da área, no cenário nacional, por meio da publicação de um número especial de uma revista a ser divulgada no mês de novembro de 2012, quando da realização do XI SBCG, na cidade de Manaus (UFAM), momento em que o evento completará 20 anos de existência. Assim sendo, foi estruturada a Edição Especial “Climatologia Geográfica” na ACTA Geográfica (UFRR) em comemoração aos 20 anos da realização do I SBCG. Na oportunidade, aproveitamos essa ocasião para agradecer aos precursores desse evento, que há 20 anos acreditaram em um sonho de construir uma

¹ Para acompanhar o desenvolvimento histórico da produção da climatologia brasileira e dos Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica você pode ler o trabalho de Fialho (2010) intitulado A pesquisa climatológica realizada por Geógrafos brasileiros, na Revista Brasileira de Climatologia, v. 6, n. 1.
Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistaabclima/article/viewFile/25618/17164>

Climatologia Geográfica em âmbito nacional. Depois deste tempo, algumas conquistas foram alcançadas, como a criação de uma Associação Brasileira de Climatologia (ABClima), fundada durante a realização do IV SBCG, no ano de 2000, na cidade do Rio de Janeiro.

Com intuito de fomentar discussões e ampliar os horizontes da Climatologia Geográfica no Brasil, o presente volume da ACTA Geográfica traz em seu escopo artigos que abordam a Climatologia sob diversas frentes, buscando apresentar variadas possibilidades de entendimento e estudos que vem sendo desenvolvidos no território nacional.

Inicialmente, Leila Limberger e Josimara Cecchin (UNIOESTE), no artigo Percepção climática de moradores lindeiros ao reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu, abordam a percepção climática, verificando como as pessoas percebem as características do clima da região oeste do Paraná e se a presença de um corpo hídrico interfere na percepção climática da região.

No artigo, A Amazônia frente às mudanças no uso da terra e do clima global e a importância das áreas protegidas na mitigação de impactos: um estudo de modelagem numérica da atmosfera, Vinícius Machado Rocha (INPA), Francis Wagner Silva Correia (INPA) e Edson Soares Fialho (UFV), procuram retratar a vulnerabilidade da floresta amazônica às variabilidades e mudanças do sistema climático, como os eventos El Niño e Oscilação Atlântica. Além disso, o trabalho também aborda a mudança no uso da terra e sua relação com o aumento nas emissões dos gases de efeito estufa na atmosfera.

Sobre o Índice de Oscilação Sul, Magaly Mendonça (UFSC) e Hugo Romero (Universidad de Chile), em Ondas de frio, índices de oscilação e impactos socioambientais das variabilidades climáticas de baixa frequência na América do Sul, apresentam as trajetórias e características das ondas de frio que afetaram o continente sul americano em 2010 e 2011, causando inúmeras perdas de vidas humanas, danos econômicos e interrupções nas comunicações e abastecimento de energia.

Em Incidência de Frentes Frias no município de Vitória (ES), Eberval Marchioro (UFES) e Miguel Saldanha (UFES) se propõem a verificar a incidência e a dinâmica das Frentes Frias (FFs) e seus efeitos sobre alguns elementos climáticos do município em questão.

No âmbito escolar temos o trabalho Práticas pedagógicas em climatologia no ensino fundamental: sensações e representações do cotidiano, da Professora Ercília Torres Steinke (UNB), que apresenta uma experiência de prática pedagógica em Climatologia com alunos do 4º ano do ensino fundamental.

Nessa mesma linha temos o Professor Diego Córrea Maia (UFBA), com o trabalho de título Mídia escrita e o ensino da climatologia no ensino fundamental II, fruto do projeto “Mídia jornalística e o ensino de climatologia escolar”, no qual objetiva analisar como a mídia impressa transmite informações relacionadas ao clima e ao tempo atmosférico de Salvador.

Em relação aos impactos pluviais, Rosilene Aparecida do Nascimento (UFV), em seu artigo A Zona de convergência do Atlântico Sul - ZCAS e os eventos pluviais intensos no município de Piranga-MG, analisa os eventos pluviais extremos registrados nesse município, assim como suas causas e conseqüências para os registros de inundações que ocorreram em 1979, 1997, 2008 e 2012, sendo esta última a de maior magnitude.

Ainda abordando a questão dos impactos pluviais, Juliana Martins Souza (PUC-Rio), Lorena Abreu Asevedo (UERJ-FFP), Isabel Linhares Soares (UERJ-FFP) e Ana Valéria Freire Allemão Bertolino

(UERJ-FFP) em: Movimentos de massa na bacia do rio São Pedro, município de Nova Friburgo, associado ao evento de janeiro de 2011, procuram identificar as tipologias de movimentos de massa que ocorreram em janeiro de 2011, na bacia do rio São Pedro – município de Nova Friburgo, correlacionando com os tipos de cobertura vegetal, a frequência e intensidade das chuvas.

Sérgio Costa Pinto Junior (UFGD) e Charlei Aparecido da Silva (UFGD), pesquisadores da região centro-oeste, abordam a dinâmica climática no Estado do Mato Grosso do Sul e sua correlação com as queimadas, a partir da utilização de imagens de satélite NOAA-15, para o ano de 2009.

Aprofundando a discussão sobre o clima e a saúde, Aline Pascoalino (UNESP-Rio Claro) procura verificar as influências das variações sazonais e condições do tempo meteorológico em situações de inverno na ocorrência da mortalidade por doenças cardiovasculares, para a cidade de Limeira. Para a abordagem dos tipos de tempo foi adotada a técnica da análise rítmica, verificando-se as relações entre a mortalidade e a variação diária dos elementos: temperatura (máxima e mínima absoluta), umidade relativa (máxima e mínima) e precipitação, identificando-se os sistemas atmosféricos geradores dos tipos de tempo.

No meio urbano, temos a contribuição de Erika Collischonn (UFPEL), que analisa o papel das áreas verdes como oásis térmico na região metropolitana de Porto Alegre-RS. Para isso utilizou-se a cartografia térmica de superfície, obtida por processamento de imagem do satélite Landsat TM5, com fotografias aéreas da mesma área, bem como dados padrão de estações meteorológicas.

Numa outra escala, Larissa Cristina Silva Lopes (UFMG) e Carlos Jardim (UFMG), em Variações de temperatura e umidade relativa do ar em área urbana e rural durante o segmento temporal de inverno de 2011 em Contagem e Betim (MG), investigam a relação entre uso da terra e topografia nas variações de temperatura e umidade relativa do ar em área urbana e rural nos municípios de Contagem e Betim, centro-sul do Estado de Minas Gerais, para o período de inverno (20/06 – 21/09/2011).

Ainda em Minas Gerais, Wellington Lopes Assis (UFMG) estuda Os Climas naturais do município de Belo Horizonte-MG, a partir dos padrões atmosféricos do município de Belo Horizonte no início do século XX através do mapeamento das unidades climáticas “naturais”. A expressão “clima natural” foi empregada para caracterizar o comportamento médio dos principais parâmetros meteorológicos em uma realidade urbana simplificada.

Numa escala sub-regional, o trabalho de Rafael de Souza Alves (UFV), Edson Soares Fialho (UFV) e Ana Carolina Santos e Silva (UFV), intitulado Uma análise comparada de parâmetros climáticos em situação de inverno, ao longo do transecto Ubá-Ponte Nova, na Zona da Mata Mineira, procuram verificar a influência de sítios urbanos, de diferentes cotas altimétricas e topografias, no comportamento dos elementos do clima de cinco localidades.

Em Ilha de calor: reflexões acerca de um conceito, de Edson Soares Fialho (UFV), aborda o conceito de ilha de calor explorando suas possibilidades e limites, a partir das inovações tecnológicas incorporadas nos estudos de clima urbano. Esperamos que esse esforço coletivo dos pesquisadores que contribuíram para a realização desta obra possa acrescentar na formação dos leitores, como também no despertar de novos interessados pela temática e no cenário da climatologia brasileira.

Edson Soares Fialho

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV)